

EX-ALUNA DA UNICAP SE DESTACA
NO SETOR AUTOMOTIVO

■ PÁG. 8

CPAL: COLABORAÇÃO ENTRE
HIERARQUIAS E RED-ARQUIAS

■ PÁG. 24

SJPAM LEVA AJUDA HUMANITÁRIA
À TRÍPLICE FRONTEIRA

■ PÁG. 25



INFORMATIVO DOS
JESUÍTAS DO BRASIL

EDIÇÃO 67
ANO 7
JULHO 2020

Emcompanhia

INÁCIO ENSINA QUE DEUS AGE NOS DIVERSOS TEMPOS, LUGARES E PESSOAS

Ele nos convida a contemplar a realidade, para discernir
e alcançar a confiança no Senhor

ESPECIAL PÁG. 9





JESUITAS BRASIL

MAGIS
BRASIL

VOCAÇÃO

O Senhor sabe que uma opção fundamental de vida exige **coragem**.

Ele conhece os interrogativos, as dúvidas e as dificuldades que agitam o barco do nosso coração e, por isso, nos tranquiliza:

**“Não tenhas medo!
Eu estou contigo”.**

Papa Francisco em mensagem para o Dia Mundial de Oração pelas Vocações

**E você, tem coragem
de consagrar a sua vida?**

Busque compreender quais caminhos Deus tem para você, rezando seu projeto de vida e discernindo sua vocação.

Tem interesse em fazer acompanhamento vocacional com os jesuítas? Mande mensagem para o e-mail **vocacao@jesuitasbrasil.org.br** ou pelo WhatsApp **11 94312 7690**

MAGIS
BRASIL



JESUÍTAS BRASIL

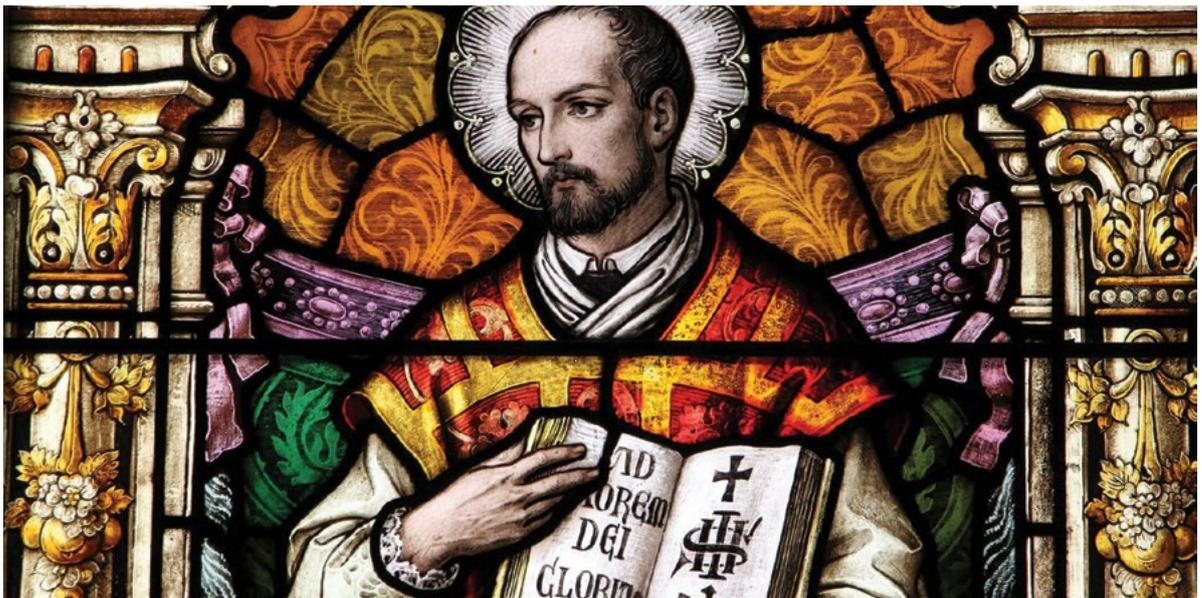
6 EDITORIAL

- A vida e a experiência espiritual de Inácio como fonte e itinerário místico
Pe. Mieczyslaw Smyda, SJ

7 CALENDÁRIO LITÚRGICO

8 EDUCAÇÃO

- Ex-aluna da Unicap se destaca no setor automotivo



9 ESPECIAL

- A vida e a espiritualidade de Santo Inácio para os dias de hoje
- Como, em tempos incertos, buscar e encontrar a Deus em todas as coisas?
Pe. Geraldo De Mori, SJ
- Uma espiritualidade e uma educação em prol de uma "Igreja em saída"
Pe. José Abel de Sousa, SJ
- O cuidado como um legado espiritual inaciano no pós-pandemia
Pe. José Ivo Follmann, SJ
- A espiritualidade inaciana, uma ajuda para viver a realidade atual
Pe. José Laércio Lima, SJ
- Paróquias reafirmam os valores da solidariedade e da fraternidade
Pe. José dos Passos da Silva, SJ
- Somos chamados a ser e oferecer luz aos jovens
Pe. Odair José Durau, SJ
- O exercício do contexto na educação: força para mover-se
Ir. Raimundo de Barros, SJ



24

AMÉRICA LATINA + CPAL

- Sobre colaboração entre hierarquias e Red-arquias
- Seminário Interno do SJPAM
- Ajuda humanitária contra a covid-19
- Publicações sobre a covid-19



EXPEDIENTE

EM COMPANHIA é uma publicação mensal dos Jesuítas do Brasil, produzida pelo Escritório de Comunicação BRA.

COMUNICAÇÃO BRA

contato@jesuitasbrasil.org.br
www.jesuitasbrasil.org.br

DIRETOR EDITORIAL

Pe. Anselmo Dias, SJ

EDITORA E JORNALISTA RESPONSÁVEL

Silvia Lenzi (MTB: 16.021)

REDAÇÃO

Cristiane Garcia Azevedo
Maria Eugênia Silva
Silvia Lenzi

DIAGRAMAÇÃO E EDIÇÃO DE IMAGENS

Érica Rodrigues
Luciana Mello

ESTAGIÁRIO

Wellerson Soares

COLABORADORES DA 67ª EDIÇÃO

Ana Ziccardi (Revisão) e Bruno Victor

26

NA PAZ DO SENHOR

- Pe. Benno Leopoldo Petry, SJ
- Pe. Expedito José Francisco Teles, SJ





Pe. Mieczyslaw Smyda, SJ
Provincial dos Jesuítas do Brasil

O que mais se escuta nestes últimos meses que vivemos, tempos difíceis e complicados, é como nossa saúde e nossas vidas estão em risco com a pandemia que assola a humanidade. Todavia, temos consciência que não só há muitos homens e mulheres se doando para cuidar, servir e ajudar a quem sofre com a Covid-19, como também há muita gente que trabalha para não deixar faltar os produtos de primeira necessidade.

Observamos a falta de entendimento das autoridades com políticas claras e harmonizadas para combater a pandemia sem expor a população mais vulnerável aos riscos de contágio e de morte. Entretanto, coloca-se a ideologia e a economia como mais importantes e em oposição à defesa da vida, em vez de garantir a saúde da população para poder trabalhar e gerar renda e sustentabilidade.

A espiritualidade e a visão do homem que Santo Inácio nos apresenta trazem, para nós, o olhar e o modo de como enfrentar as situações e decisões difíceis. Ele nos convida a fazer o exercício de contemplação da encarnação, por meio do qual podemos ver a humanidade, tão diversa em atitudes e culturas na face da Terra, e ver também que a Trindade Santa olha para o mundo e vê tudo o que acontece nele e

A VIDA E A EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL DE INÁCIO COMO FONTE E ITINERÁRIO MÍSTICO

decide: “ façamos a redenção do gênero humano”. Com esse exercício, vemos o mundo e o que acontece nele, e no qual estamos envolvidos solidariamente [EE 102 a 107].

A contemplação nos faz ver com serenidade e lucidez a realidade em que estamos imersos. Produz, em nós, muitas moções que, discernidas, devem nos impulsionar a agir e a colaborar com Deus, servindo aos irmãos e cuidando do mundo que nos é dado.

Esse olhar das Três Pessoas Divinas vai se consolidando em nossos corações, entrando na meditação do Reino, onde, internamente, podemos ver a pessoa de Jesus de Nazaré, que andava por cidades e povoados para pregar e anunciar o Reino de Deus. Outra vez, agora com o Senhor, olhamos a realidade do povo e das pessoas que vivem e buscam mais vida. Esse exercício nos motiva e nos estimula a seguir Jesus no caminho de curar, consolar, acolher e mostrar os novos horizontes por meio dos cuidados que Deus tem para com as pessoas em Jesus Cristo.

Os Exercícios Espirituais nos fazem crescer na confiança no Senhor e, sobretudo, viver a esperança, que nos leva a ser solidários com aqueles que mais precisam de nós. Passar pelo que estamos passando não pode nos levar ao desânimo, pelo contrário, deve nos animar a crescer na esperança. De alguma maneira, nós que gostamos de ir e vir, por e para onde nos apraz, temos que, nestes tempos, colocar em prática outra proposição de Inácio: *o agir contra*.

Seguindo as orientações sanitárias e restringindo os contatos diretos para com os outros por respeito, pelo cuidado e pelo amor. Agir contra o medo, contra o desânimo é encontrar forças na fé, por meio da oração e na confiança de que juntos superaremos tudo o que está acontecendo. É com solidariedade e união que teremos condições de superar todas essas dificuldades. Com nossas orações e ações, levaremos esperança para todos, especialmente, para os mais pobres.

Não tenho dúvida de que Inácio usaria de todos os instrumentos que estão à disposição para enfrentar o drama da pandemia que vivemos. Assim, precisamos agir como se tudo dependesse de nós e, ao mesmo tempo, ter confiança em Deus, sabendo que tudo depende Dele. Por mais que estejamos em dificuldades, os critérios das nossas decisões devem ser a maior glória de Deus, o maior serviço ao próximo e o bem mais universal.

A Província dos Jesuítas do Brasil segue e continuará tendo a vida e a experiência espiritual de Inácio como a fonte e o itinerário místico para a vida e para o trabalho, tomando as decisões com base nas Preferências Apostólicas e apresentando-as como grandes horizontes da missão de Cristo neste tempo de mudanças e desafios de enfrentamento diante do perigo de morte. Sigamos o exemplo de Inácio para, em tudo, amar e servir.

Boa festa de Santo Inácio! ■

CALENDÁRIO LITÚRGICO
PRÓPRIO DA COMPANHIA DE JESUS

AGOSTO

DIA 2

São Pedro Fabro



DIA 15

Assunção de Nossa Senhora



DIA 18

Santo Alberto Hurtado



EX-ALUNA DA UNICAP SE DESTACA NO SETOR AUTOMOTIVO



Juliana Coelho, ex-aluna do curso de Engenharia Química da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), é a nova gerente de fábrica do Polo Jeep, em Goiana, Zona da Mata Norte de Pernambuco. É a primeira vez na América Latina que uma mulher vai ocupar esse cargo em uma das fábricas da Fiat Chrysler Automobile (FCA).

A trajetória que levou Juliana, com apenas 30 anos, a se tornar líder na mais moderna planta da FCA Group no mundo foi iniciada com uma oportunidade como trainee na empresa em 2013, logo após o término da graduação. Pela afinidade com a área de formação, ela entrou como técnica de cabine de pintura, mas, logo, assumiu como supervisora de um dos turnos. Em seguida, tornou-se gerente da área e, depois de três anos e meio, passou a gerente da montagem, quando liderou uma equipe de cerca de 1.300 pessoas. Em 2018, ocupou o cargo de suporte a novos desenvolvimentos, com atuação na América Latina e com sede no

Polo Fiat, em Betim (MG). Hoje, volta para casa com mais esse desafio: ser *Plant Manager* (gerente de fábrica) do Polo Automotivo Jeep.

Como a primeira mulher a exercer esse cargo na América Latina, do ponto de vista da representatividade, Juliana enxerga essa conquista como uma forma de potencializar as aspirações de maneira geral: “entendo que isso inspira muitas pessoas. É uma vitória das mulheres, dos homens, de todos! Mas é importante, sim, para que as mulheres entendam que não existem limites para os nossos sonhos”.

Juliana cultivou, desde cedo, o interesse pela indústria automobilística. “Sempre fui apaixonada por carros, desde a infância. Meu tio tinha uma locadora de veículos e meu pai trabalhava lá, adorava ficar com ele lá. No momento em que soube da vinda da FCA para Pernambuco, me inscrevi. Chamou muito a minha atenção o processo produtivo fabril e, em especial, a área da Pintura”, conta a engenheira.

Sobre a colaboração da Unicap em sua formação profissional, Juliana destaca alguns aspectos como “a oportunidade de vivenciar uma integração fantástica, seja pelo layout da universidade, pelo bloco G, seja pela estratégia que existiu durante a minha graduação de mesclar turmas”. Outra iniciativa da Universidade frisada pela ex-aluna foi a realização do projeto chamado *Quinta na Química*, que recebe, semanalmente, profissionais de destaque que atuam em vários campos da Química, para trocar experiências com os alunos.

A Universidade Católica de Pernambuco recebeu a ex-aluna para uma conversa no fim do mês de julho. Ela foi recepcionada pelo reitor, Pe. Pedro Rubens, e por gestores e professores da Unicap Icam International School. Durante a conversa, que aconteceu respeitando as normas de distanciamento social, Pe. Pedro expressou a satisfação de ver uma ex-aluna conquistar um espaço tão importante de liderança. “Foi uma alegria para a Universidade ver você chegar onde chegou”, disse o reitor.

Para a gerente de fábrica, a graduação foi fundamental para uma base sólida no mercado de trabalho. Ela aconselha aos estudantes da Unicap que cursam Engenharia Química: “Precisamos nos engajar e nos envolver com dedicação nessa jornada; é importante pensar com uma visão de longo prazo, entendendo quais as áreas de maior interesse. Sabemos que a Engenharia Química é muito versátil. Podemos estar em todo tipo de indústria e precisamos aproveitar disso para aperfeiçoar nossa base em vários processos produtivos. Força! Sonhem grande e tenham muita energia para aprender nesse momento. Não existem limites, você pode chegar aonde quiser”. ■

Fonte: Boletim Unicap

A vida e a espiritualidade de Santo Inácio nos dias de hoje

Para marcar o Mês Inaciano, o *Em Companhia* preparou uma edição especial sobre como a vida e a espiritualidade de Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, podem nos servir de inspiração e nos encher de esperança de que dias melhores virão.

A vida de Santo Inácio, cuja memória celebramos em 31 de julho, é um testemunho eloquente de como a graça divina tem o poder de fazer-nos homens e mulheres novos(as). Trata-se de uma data muito importante para os jesuítas de todo o mundo, para aqueles que vivem a espiritualidade inaciana e para as obras e instituições pertencentes à Ordem religiosa. Toda a família inaciana se alegra com os ensinamentos deixados pelo jesuíta e reconhece que é um legado para toda a Igreja.

Especialmente neste ano, enfrentamos rompimentos das “normalidades”. O distanciamento social e o cuidado com a higiene se tornaram prioridades na vida em sociedade. Reconhecemo-nos pequenos e frágeis diante de um inimigo microscópico e, enquanto a humanidade aguarda uma vacina contra a doença, experimentamos o que muitos têm chamado de “novo normal”. A pandemia



está remodelando a forma como nos relacionamos com o mundo, com o próximo e com nós mesmos. No entanto, será que estamos preparados para acolher esse novo tempo da melhor maneira? Como podemos dar novo sentido à nossa própria existência em meio a tempos tão difíceis? Como a vida e a espiritualidade de Santo Inácio podem inspirar a nossa caminhada cristã?

Somos chamados a olhar para nós mesmos e para o nosso entorno, inclusive, com todas as adversidades, de maneira positiva e contemplativa. Ver em tudo a ação de Deus Pai. É com esse olhar contemplativo da beleza do mundo que devemos caminhar e enfrentar as vicissitudes do momento em que vivemos, bem como de toda nossa vida.

Para nos ajudar nesse processo de reflexão e discernimento, na edição deste mês, convidamos alguns jesuítas com experiências diversas para refletir sobre o assunto no contexto da espiritualidade, da educação, da juventude, das paróquias, do cuidado com a Casa Comum etc.

Que possamos nos inspirar na vida de Santo Inácio, que deu tudo de si para servir a Deus. Que sejamos capazes de entregar tudo o que temos e somos e todas as nossas vontades para viver o plano de Deus para cada um de nós.



Como, em tempos incertos, **buscar e encontrar a** **Deus** em todas as coisas ?

Pe. Geraldo De Mori, SJ

Reitor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE)

Desde que foi declarada a pandemia da covid-19, toda a humanidade vive um tempo de profundas incertezas, não só porque desconhecemos quando será produzida uma vacina eficaz contra o novo coronavírus, mas também por causa dos impactos econômicos e sociais provocados por essa pandemia. O risco e a precariedade nos rondam e, além dos diversos recursos de proteção, buscamos encontrar e dar sentido ao que vivemos, recorrendo às fontes que alimentam o mais profundo de nosso ser e existir. A fé cristã oferece muitos recursos de sua rica tradição espiritual. Retomaremos, a seguir, três elementos da espiritualidade inaciana que podem nos ajudar na travessia deste tempo.



“BASTARIAM 15 MINUTOS”

É conhecida a resposta de Inácio de Loyola à pergunta: o que faria se a Companhia de Jesus fosse suprimida? “Bastariam, dizia ele, quinze minutos de exame para me apaziguar”. Resposta similar deu o jovem Luís Gonzaga quando lhe perguntaram o que faria se soubesse ter poucos dias de vida? “Nada, dizia ele, continuaria fazendo o que faço”. Na primeira situação, está em risco o resultado de um longo caminho espiritual, iniciado com a ferida na Batalha de Pamplona, passado pela convalescença e conversão em Loyola (Espanha), aprofundado no tempo em que esteve em Manresa (Espanha), desdobrado nos anos de estudo em Barcelona, Alcalá e Salamanca (Espanha) e em Paris (França), culminado no reconhecimento da nova ordem em Roma (Itália). Na segunda situação, a própria existência estava



em risco. A obra de uma vida e a própria vida não estão no mesmo patamar, mas remetem àquilo pelo qual tudo se apostou, que, segundo a 1ª Anotação para se fazer os Exercícios Espirituais, corresponde a “procurar e encontrar a vontade divina, na disposição da vida para a salvação da alma” (EE, 1). Nos dois casos, temos uma resposta semelhante, que tem sua fonte numa mesma experiência: ter encontrado o único necessário, a vontade divina que oferece a salvação.

Para encontrar a vontade divina, ainda segundo a 1ª Anotação dos Exercícios, é preciso “afastar de si todas as afeições desordenadas” (EE, 1). Os “exercícios espirituais”, compreendidos como “qualquer modo de examinar a consciência, de meditar, de contemplar, de orar vocal e mentalmente, e outras operações espirituais” (EE 1), preparam e dispõem “a alma, para tirar de si todas as afeições desordenadas” (EE, 1).

Inácio de Loyola e Luís Gonzaga, diante do que parecia o mais importante para suas vidas, mostram ter encontrado o único necessário e estarem livres dos afetos desordenados.

Este tempo de pandemia tem sido favorável para nos colocarmos essa pergunta radical: o que é a vontade divina para a salvação de minha alma? Em sua visita à família de Marta, Lázaro e Maria, enquanto Marta se desdobrava para dar conta do serviço na

acolhida do Mestre, Maria colocava-se a seus pés para escutá-lo. Interrogado sobre essa atitude da irmã, Jesus diz a Marta: “Maria escolheu a melhor parte” (LC 10,38-42). Ao jovem que lhe perguntou o que deveria fazer para ganhar a vida eterna, Jesus remete-o, inicialmente, aos mandamentos e, em seguida, ao sabê-lo cumpridor da lei, lhe pede que venda tudo, dê o dinheiro aos pobres e, depois, o siga (MC 10,17-30). Para quem vive dos recursos dos Exercícios, as incertezas e temores deste tempo são uma boa ocasião para fazer uma espécie de balanço e se perguntar: encontrei a vontade de Deus para minha vida? Estou livre das afeições desordenadas que me impedem de assumir essa vontade?

“[...]é necessário fazer-nos indiferentes [...] de tal maneira que não queiramos [...] mais saúde que doença [...] vida longa que breve[...]” (EE, 23)

Encontrar a vontade divina (o único necessário), por meio da qual salvamos nossa “alma” (temos uma vida plenamente realizada), corresponde, segundo o Princípio e Fundamento, a “louvar, reverenciar e servir a Deus nosso Senhor” (EE, 23). Descobrir esse fim para o qual fomos criados significa, ainda segundo a continuidade do mesmo texto, não inverter a relação entre fim e meios. Ao único necessário devem submeter-se “as outras coisas sobre a face da terra”, criadas para ajudar o ser humano a realizar o fim para o qual foi criado. Daí a necessi-

dade de usar delas “tanto quanto” nos ajudam a alcançar o fim, o que implica o caminho do “tornar-nos indiferentes” a todas elas (EE, 23).

A “indiferença” está relacionada com a ordenação dos afetos, que, no Princípio e Fundamento, remete a dimensões que parecem essenciais para uma vida plenamente realizada: saúde, riqueza, honra e vida longa. Na tradição bíblica, a bênção é identificada, muitas vezes, com essas dimensões (Dt 28,1-3; Sl 128). Ao escolhê-las, Inácio nos recorda que elas são o lugar a partir do qual nosso desejo e nosso afeto se definem, levando-nos à salvação ou à perdição. Por isso, ele conclui o texto indicando que devemos “desejar e escolher” somente “o que mais nos conduz ao fim para o qual fomos criados” (EE, 23).

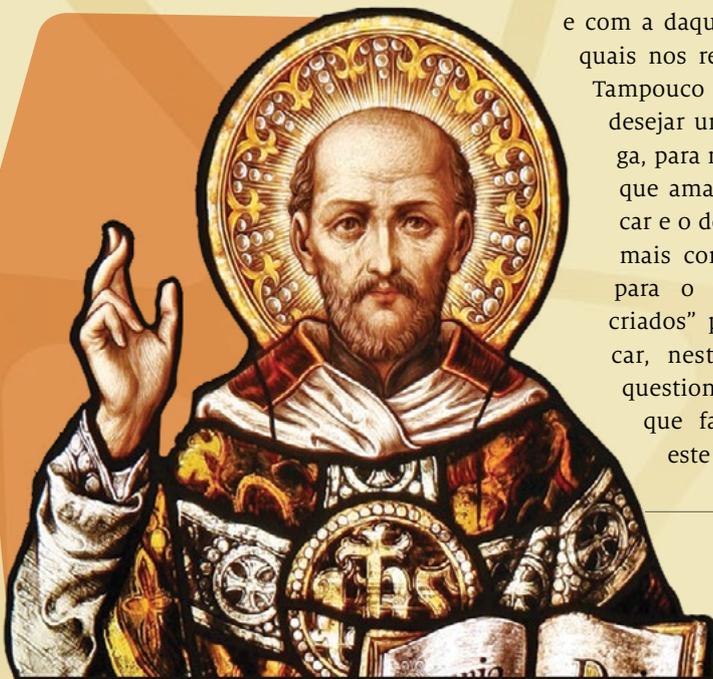
O tempo no qual vivemos nos interroga, principalmente, sobre duas dessas dimensões: saúde e vida longa. De fato, nos últimos seis meses, o mundo todo gira ao redor daquilo que põe em risco nossa “saúde” e, ao mesmo tempo, ameaça a possibilidade de uma “vida longa”. A que nos chama esse apelo à indiferença, próprio da espiritualidade inaciana? Certamente, somos chamados a não negligenciar os cuidados com nossa saúde e com a daqueles com os quais nos relacionamos. Tampouco a deixar de desejar uma vida longa, para nós e para os que amamos. O buscar e o desejar o “que mais conduz ao fim para o qual fomos criados” pode significar, neste tempo, o questionar-se sobre o que fazemos com este bem que nos

foi dado, a vida. Como o valorizamos? Os testemunhos de pessoas contaminadas podem nos ajudar a dar conta desse bem precioso. Um dos mais conhecidos é o daquele senhor que teve de pagar milhares de dólares pelo uso de respiradores e que se deu conta de ter vivido toda uma vida sem nunca ter agradecido a Deus pelo ar que respirou sem pagar.

Na Contemporânea para alcançar amor, com a qual se concluem os Exercícios, após a Nota, a Oração e os dois Preâmbulos, são propostos quatro pontos: o primeiro, um convite a fazer memória dos benefícios recebidos na criação, na redenção e nos dons particulares; o segundo, uma consideração sobre como Deus habita nas criaturas; o terceiro, outra consideração sobre como Deus trabalha e age por minha causa em todas as coisas criadas; o quarto, um olhar como todos os bens e dons descem do alto. Esses pontos resumem o conjunto da experiência e são uma síntese da mística inaciana. Eles também podem ajudar a viver na fé e na esperança nestes tempos tão difíceis pelo qual passamos.

Primeiramente, exercitando a memória agradecida pelos bens recebidos. Estar mais em casa é um convite a entrar no quarto, como nos convida Jesus, para orar ao Pai que está em segredo” (Mt 6,6), e nossa oração tem de ser de ação de graças. Mas, além desse exercício de memória, é preciso descobrir como Deus habita sua criação, mesmo ferida e sofrida, nela trabalhando e agindo, inclusive, por meio de mim. Finalmente, esse convite deve culminar no reconhecimento de que tudo é dom. Tudo vem de Deus e a ele retorna. Que esse exercício possa se traduzir numa contínua resposta de vida: “Tomai, Senhor, e recebei [...]. Dai-me somente o vosso amor e graça, que esta me basta” (EE, 234). ■

“**Conhecimento interno de tantos bens recebidos [...] para em tudo amar e servir a sua Divina Majestade”** (EE 233)



Uma **espiritualidade** e uma **educação** em prol de uma **“Igreja em saída”**



Pe. José Abel de Sousa, SJ

Coordenador da Pastoral Universitária Anchieta da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Como a vida e a espiritualidade de Santo Inácio podem ajudar no trabalho educativo em momentos de crise, no presente e no futuro? Essa pergunta, que me foi apresentada, remete a uma temática demasiado ampla para ser esgotada dentro dos limites previstos para um pequeno artigo como este. Diante disso, me proponho a apresentar alguns elementos, a fim de que os leitores possam refletir e construir as suas próprias respostas.

UMA ESPIRITUALIDADE CRISTOCÊNTRICA

Espiritualidade é um vocábulo de significado amplo, o nosso recorte limita-se à espiritualidade enquanto uma propensão humana a buscar significado para a vida por meio de experiências igualmente humanas, mas que transcendem o tangível, à procura de um sentido de conexão com algo maior que a si próprio, mais especificamente, nos restringimos à espiritualidade adjetivada como cristã, católica e inaciana.

Cristã faz referência, obviamente, a Jesus Cristo, católica aponta para a universalidade e inaciana remete a Inácio de Loyola, que viveu no século XVI na Espanha. Até por volta dos 26 anos de idade, ele não tinha nada de incomum se comparado a outros jovens de sua época¹, contudo, em um determinado momento da vida, teve uma forte experiência com Deus. Uma experiência tão intensa que mudou radicalmente os rumos da sua vida. Não apenas a dele, mas também a de outros que atraiu; alguns desses deixaram tudo, formando um grupo em torno de Inácio de Loyola.



Eles quiseram ser chamados de inacianos, porém Inácio rechaçou com veemência essa ideia para evidenciar que o centro não era a sua pessoa, mas todos, pois estavam buscando seguir a Jesus Cristo, o Filho de Deus humanizado. Eis porque foram, então, denominados de companheiros de Jesus.

Toda espiritualidade cristã visa colocar a pessoa em comunhão com Deus. O que distingue a espiritualidade inaciana são as regras do discernimento. Essa é a marca registrada dos

Exercícios Espirituais, um modo de oração em que a pessoa vai discernindo as consolações e as desolações, no intuito de ir conhecendo o que Deus quer para a vida daquele que se propõe a fazer tal experiência.

Portanto, ao se falar de espiritualidade inaciana, há que se ter presente que se trata, antes de tudo, de uma espiritualidade cristocêntrica. Nos Exercícios Espirituais, o centro é Jesus Cristo, mais precisamente, um Jesus que vem ao encontro do ser humano.

UMA ESPIRITUALIDADE FUNDAMENTADA NOS VALORES CRISTÃOS

A espiritualidade inaciana, além de cristã, é crística². Cristã porque provém do Cristo e se destina, em primeiro lugar, aos cristãos. Crístico também se refere a Jesus Cristo, mas não se restringe aos que pertencem a alguma Igreja cristã. Crístico se refere, antes de tudo, aos valores que caracterizam a fé cristã, portanto é mais abrangente e mais universal.

Nas obras e grupos de seguidores da espiritualidade inaciana, muito se fala de *Magis*, vocábulo latino cuja tradução é 'mais'. O discernimento espiritual³ é bem-vindo neste ponto, pois, no ser humano, há uma imperiosa tendência de se confundir *Magis* com megalomania. Indo por esse caminho, não se está sendo verdadeiramente inaciano, pois tampouco se está sendo cristão. Jesus Cristo, o Filho de Deus, feito ser humano, se pautou por uma doação total e irrestrita de si mesmo, "o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mc 10,45); "Jesus Cristo, existindo em condição divina, não fez do ser igual a Deus uma usurpação, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo" (Fl,2,6-11).

UMA ESPIRITUALIDADE A SERVIÇO DE UMA EDUCAÇÃO "EM SAÍDA"

"Uma Igreja em saída", esse imperativo remonta ao Concílio Vaticano II, sendo atualmente enfatizado pelo Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*. Esse convite de Francisco é a marca predominante do seu pontificado, que deseja ver renascer na Igreja uma nova experiência de fé cristã missionária, fundamentada no Evangelho, de modo que a mensagem da salvação chegue, realmente, a todos, sem exclusão. Esse chamado é destinado a toda a Igreja, portanto, obviamente, também à Companhia de Jesus e a todos os mem-

bro das mais diversas instituições e atividades, de algum modo, ligadas à espiritualidade de Inácio de Loyola.

A história da Companhia de Jesus está assinalada, desde os seus primórdios, pelo serviço da educação. Segundo o Pe. Geral Pedro Arrupe: "A educação manifesta as qualidades e desperta as iniciativas, tornando o homem consciente de sua própria dignidade e de seus próprios deveres e direitos... Eduquemos o marginalizado e o pobre e eles serão os primeiros impulsionadores da própria promoção"⁴. Para tanto, é necessário que a educação seja estabelecida e, efetivamente, desfrutada como um direito universal, porque é um direito humano básico e fundamental no qual todos os demais se baseiam.

No Brasil, a Companhia de Jesus, ao longo de sua história, sempre esteve à frente de instituições educativas em todos os níveis. As perguntas são: como esse trabalho está sendo, e/ou deve vir a ser, desempenhado no momento atual? O que significa educar nos dias e na realidade hodierna? Como a educação oferecida nas instituições confiadas à Companhia de Jesus tem enfrentado a questão da concentração da riqueza e da conseqüente desigualdade social tão avassaladora no nosso país?

O Papa Francisco está na liderança da realização de um encontro para reconstruir o *Pacto Educativo Global*, previsto para o dia 15 de outubro de 2020. Como as instituições educativas da Companhia de Jesus estão participando do processo de construção desse tão importante pacto educativo?

No Brasil, atualmente, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb) é o principal mecanismo de financiamento da educação básica e sua vigência está prevista para terminar este ano. Isso é muito preocupante, pois as redes estaduais e municipais juntas atendem a mais de 80% dos estudantes da educação básica. As escolas federais, colégios

militares, vinculados à universidades, os Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets) e o Colégio Pedro II são reconhecidos pela alta qualidade no ensino, mas respondem apenas por 1% das matrículas, o restante está no setor privado. Estamos, pelo menos, acompanhando os trâmites em relação à continuidade, as necessidades de aperfeiçoamento, ou até o perigo da extinção do Fundeb⁵?

À GUIA DE CONCLUSÃO

Na condição de cristãos ligados à espiritualidade inaciana não podemos fechar os olhos diante do fato de inúmeras pessoas no mundo e, em particular, no Brasil continuarem excluídas do direito à educação e de outras tantas serem relegadas a uma educação de qualidade muitíssimo deficitária. Mesmo em regiões com mais recursos econômicos, nas quais estão situadas a maior parte das instituições educativas da Companhia de Jesus, a educação em valores e em cidadania é, com frequência, reduzida a tímidos apêndices.

Para a Igreja e, portanto, igualmente, para a Companhia de Jesus, educação e evangelização são dimensões eclesiais que devem estar sempre integradas, pois, embora distintas, são complementares. A partir daí podemos promover a superação de uma ciência fragmentária e da reivindicação de uma educação integral, comprometida com o desenvolvimento harmônico das qualidades do ser humano.

A atitude esperada de toda a Educação Católica é aquela que leva em conta o despertar da consciência do estudante para a beleza da vida e do mundo e isso ocorre quando se sai de si, quando se coloca no lugar e na condição do interlocutor, seja jovem, seja adulto, quando se assume a escuta como lugar de reconhecimento da vida do outro e, em última instância, quando o outro não é considerado distante, mas, um irmão(a) a ser orientado(a). ■

¹ Sobre a vida e obra de Inácio de Loyola, remeto à belíssima biografia romancada de: PUNCEL, M., Inácio de Loyola, Ed. Loyola, São Paulo: 2008.

² MIRANDA, M. F., Vislumbres de Deus, São Paulo: Paulinas, 2018, p.18: "[...] toda a criação tem uma dimensão crística [...] toda criatura alcança sua realização plena e perfeita no

próprio Deus. Esse dinamismo é intrínseco a qualquer criatura (Rm 8,19-23), embora somente o ser humano tenha conhecimento dele".

³ PAIVA, R., Discernimento pessoal em família e em comunidade, São Paulo: Loyola, 2004.

⁴ ARRUPE, P., Ante un mundo en cambio, Saragoça: Editorial EAPSA, 1972.

⁵ Artigo foi escrito antes da aprovação do Fundeb pela Câmara dos Deputados, em 21 de julho.

O cuidado como um legado espiritual inaciano no pós-pandemia

Pe. José Ivo Follmann, SJ

Secretário para a Justiça Socioambiental da
Província dos Jesuítas do Brasil

A palavra **cuidado** é muito importante no vocabulário interno da Companhia de Jesus. Pode-se dizer que o “cuidado com as pessoas” e o “cuidado apostólico” fazem parte da espiritualidade inaciana e do modo de ser jesuíta. Também o “Cuidado com a Casa Comum”, que se consagrou com a Carta Encíclica *Laudato Si'*, em 2015. Nela, o Papa Francisco reflete uma longa história de tomada de consciência interna à Companhia de Jesus, ao longo das últimas Congregações Gerais, na construção de relações justas com Deus, com os outros na sociedade e com os dons da criação, ou seja, no cuidado da vida em todas as suas dimensões e expressões.

Foi o que me veio à mente, de imediato, frente à pergunta feita pela jornalista sobre qual o “legado da vida e espiritualidade de Santo Inácio” em vista de um compromisso nosso na “nova realidade pós-pandemia”. Mas, talvez, o início da resposta deva ser: “ver Deus em tudo”. Também é uma expressão de síntese vigorosa na espiritualidade inaciana. Além de síntese vigorosa, é uma expressão de força indescritível. É profundamente mobilizador. Muitas vezes, deixo-me arrebatar pela riqueza espiritual tremenda que está assim expressa.

A humanidade, hoje, tem a oportunidade de entregar-se, como um todo, a um processo de transformação em suas ‘normalidades’. A ‘sacudida’ em Inácio de Loyola, dentro do seu processo de conversão, foi radical e gerou um projeto pessoal e coletivo totalmente novo. Cada um e cada uma de nós tem a alegria de participar e de estar envolvido e envolvida, de al-

guma forma, no projeto coletivo que resultou da conversão de Inácio de Loyola. Nós comungamos, por meio desse projeto, na mesma Missão de Jesus Cristo.

A ‘sacudida’ da humanidade, no atual momento de pandemia, está sendo intensa e, por todos os recantos da Terra, despontam sinalizações e vislumbres consistentes de um novo mundo possível e necessário. Estão sendo tecidas novas lógicas no nível pessoal e no coletivo. O seu alcance e sua consistência ainda não são mensuráveis. Mas, com certeza, apontam para a necessidade e a urgência da transformação radical.

Ainda estamos ‘afundados’ na pandemia. Ainda não sabemos quando poderemos vislumbrar a nova realidade, que alguns estão chamando de pós-pandemia. Ainda temos dificuldades para desenhar, em nossas mentes e em nossos corações, essa realidade futura. Algumas ideias são repetidas. Vou citar duas:

- 1) *A pandemia veio para inaugurar, definitivamente, aquilo que, há muito tempo, vem sendo denominado “mudança de época”.*
- 2) *Com a pandemia, as seguranças que marcaram as normalidades do século XX caem por terra e se inicia, de verdade, o século XXI.*

Segundo o Cardeal José Tolentino Mendonça, a atual pandemia nos faz entrar em uma nova época da história. A pandemia vai passar, mas nós já estaremos em outra época da história, em termos culturais, civilizacionais e espirituais: uma época espiritualmente outra. (Palestra, FAJE, junho 2020)

Como já sinalizei, Inácio de Loyola foi um radical. Ele mexeu nas estruturas de base que o sustentavam. A guinada espiritual lhe proporcionou novo sentido à vida. Passou a ver as pessoas e as coisas com base em uma lógica totalmente outra. Passou a “ver Deus em tudo”, assumindo um comportamento completamente novo.



A pandemia também vem mexendo muito conosco. Mexeu com nossas lógicas. Mexeu com as estruturas de base e com as certezas que nos sustentam. Ela reacendeu, em todos os recantos da Terra, a busca e a escuta das diversas vozes da sabedoria humana na história. Essas vozes sempre estiveram presentes. Infelizmente, a humanidade tornou-se surda a elas.

Em uma leitura que fiz, no início de 2019, de um pequeno livro do teólogo Leonardo Boff (2018), de antes da pandemia, uma passagem me chamou particular atenção: Vamos criar juízo e aprender a ser sábios e a prolongar o projeto humano, purificado pela grande crise que seguramente nos acrisolará”. O autor refere-se a duas passagens riquíssimas da Sagrada Escritura, em que Deus aparece como “apaixonado amante da vida” (Sb 11, 24) e que nos faz um apelo radical: “Escolhe a vida e viverás” (Dt 30, 28). Leonardo Boff escreveu: “Andemos depressa, pois não temos muito tempo a perder”.

A pandemia me fez compreender, mais profundamente, aquela assertiva. Eu torço, agora, para que a pandemia possa, efetivamente, contribuir para que paremos de correr na direção errada (da morte) e para que aceleremos os passos na direção certa (da vida).

As nossas instituições estarão povoadas de protocolos para o exercício do cuidado conosco e com o próximo.

O nosso avanço, no entanto, deve apontar para muito além desses protocolos. Que o sonho, ou, o apelo à conversão, que o Cardeal Tolentino manifestou, ao falar em nova época “espiritualmente nova”, se faça um efetivo processo de transformação em nós!

- *Reconhecer o outro em sua dignidade, mediante gestos concretos de fraternidade, acolhimento e denúncia de toda ordem de preconceitos e discriminações;*
- *Construir sociedades geradoras de vida, sem as escandalosas e crescentes injustiças sociais e desigualdades;*
- *Cultivar a vida em todas as suas expressões e dons da criação, em geral.*

Em suma, que seja um cuidado regenerador no amor a toda a vida que pulsa em nossa Casa Comum. Um cuidado, que, além das dimensões mencionadas, se expresse nos diversos níveis de nossa vida e ação, e, de modo particular:

- *Em nosso jeito de produzir conhecimento;*
- *Em nossas incidências diretas e indiretas nos processos de decisão e condução das políticas orientadoras da vida em sociedade;*
- *Em nossos hábitos e práticas na vida do dia a dia.*

Colocados no horizonte da Ecologia Integral e do cuidado da Casa Comum de que nos fala a *Laudato Si'* (2015), todos os cuidados aqui mencionados são dimensões da prática da justiça socioambiental. A realidade pós-pandemia deverá encontrar-nos profundamente revigorados(as) na disposição de cultivadores(as) da justiça socioambiental. Talvez, deva ser um dos traços fundamentais da espiritualidade de que precisamos.

Nesse sentido, o Marco da Promoção da Justiça Socioambiental da Província (Marco PJSA), em sua nova edição (2020), conclui com fortes apelos para que nos empenhemos em propor que a economia esteja a serviço das necessidades básicas de todos os seres humanos e de sua qualidade de vida, bem como conserve os dons da criação e não continue comprometendo mortalmente a natureza. Que, em nossas vidas, em nossas instituições e no mundo econômico, político e social, sejamos protagonistas do cuidado com a vida, uma vida digna para todos e todas.

É importante que, junto com toda a humanidade, tenhamos aprendido a lição da pandemia. Um aprendizado de que não podemos voltar a fazer as mesmas coisas e da mesma maneira. ■

“ Eu torço, agora, para que a pandemia possa, efetivamente, contribuir para que paremos de correr na direção errada (da morte) e para que aceleremos os passos na direção certa (da vida).



A espiritualidade inaciana, uma ajuda para viver a realidade atual



Pe. José Laércio Lima, SJ

*Secretário para Colaboração,
Fé e Espiritualidade da Província
dos Jesuítas do Brasil*

A espiritualidade sempre será um caminho que nos ajuda a ter intimidade com Deus. Nos dias, atuais, precisamos ter lucidez para acolher o novo que aí está. Ainda não sabemos como será o pós-pandemia. Temos mais incertezas do que certezas. Porém, para quem tem fé e deseja, como Santo Inácio, tirar proveito desta situação, é necessário enxergá-la não como oportunismo, mas como oportunidade para considerar, meditar e contemplar a realidade, trazendo-a para mais perto, para a sua oração e suas decisões no cotidiano. Com Jesus, visitaremos,

tocaremos e estaremos inseridos neste cotidiano tão duro e sofrido. Aí está um caminho que podemos fazer juntos, se quisermos nos envolver, ajudar a superar e a encontrar caminhos como fruto espiritual da nossa oração e da nossa fé cristã, que, mais do que nunca, nos convida a sermos uma Igreja em saída, um povo de Deus a caminho.

CONSIDERAR A REALIDADE

Consideremos, aqui, como fomos criados por Deus e qual o fim da nossa vida: “Louvar, servir e reverenciar a Deus Nosso Senhor e mediante isto salvar a sua alma. As outras coisas sobre a face da terra são criadas para o homem e para o ajudarem na consecução do fim para o qual é criado” (EE 23). Em outras palavras, tudo o que temos e somos vem de Deus como puro amor. O seu desejo é que não nos percamos, mas, sim, que cheguemos e alcancemos um único fim, aquele para o qual fomos criados.

Consideremos, então, a obra da criação de Deus hoje. Porém, com o mundo fechado em si mesmo, as pessoas envolvidas em seus projetos gananciosos e egoístas são incapazes de olhar para si mesmas e para os demais. A velocidade, a ansiedade e a produtividade tomam conta da mente e do coração de muitos.

Ao considerar essa realidade aplastada pela dureza do cotidiano “seco” sem Deus, vemos que aquilo que deveria ser uma fonte de água viva torna-se, assim, um deserto cruel e violento para tantos. O cotidiano passou a ser o mistério a ser decifrado como a Grande Esfinge: “decifra-me ou devoro-te”.

Podemos considerar também a realidade da classe média ou da classe média alta, que puderam se fechar, isolar-se literalmente em suas vidas confortáveis e redescobrir aquilo que já haviam perdido. Por exemplo, reaprender a cozinhar, a tirar a mesa, a conversar à mesa, a limpar a casa ou a lavar roupas, isso naquelas residências onde as secretárias não ficaram isoladas com os seus patrões. Ou seja, cinco meses isoladas servindo aos seus “senhores” catolicamente, enquanto eles sentiam falta da eucaristia.

Se desejarmos, podemos considerar a vida da grande multidão que, sem água, sem material de higiene e de

proteção, teve que se reinventar para não perder a vida, vivendo em casas com um ou dois cômodos, seis, oito pessoas. Estavam quase mais seguros quando saíam para buscar sopa, ou receber o auxílio emergencial.

Consideremos tudo isso: como a criação desvirtuada quer ser o criador; como decide pela desordem e pelo caos em nome do bem-estar de alguns, em detrimento de milhões. Tendo considerado toda essa criação em colapso, poderemos encontrar, aqui, material para a nossa meditação, que nos levará a entrar mais a fundo nessa realidade ferida de morte.

MEDITAR A REALIDADE

Pedindo a graça de que todas as nossas intenções, ações e operações sejam ordenadas puramente ao serviço e louvor de Sua Divina Majestade (EE 46), vamos mais a fundo, “considerar em

ver com o olhar da imaginação” toda a humanidade afetada e ferida pelo vírus pandêmico. Imaginar também, aqui, outro vírus que afeta a humanidade, o vírus do egoísmo. Como sofrem, “encarcerados neste corpo corruptível e todo o composto humano neste vale, como que desterrado entre animais irracionais” (EE 48), estes últimos, inclusive, começam a regressar às cidades e a lugares que, antes, seria impossível pela presença de tanta gente e turistas.

O caminho será pedir perdão pela forma como vivemos e estamos nos relacionando com o ser humano e com a natureza; pelo modo como olhamos distantes a realidade e não nos envolvemos com ela, a fim de cuidar das feridas e vidas. Pedir “o que quero e desejo” será uma oportunidade para saber se, com a pandemia, algo mudou em nosso coração, se nele cabem nossos irmãos e nossas irmãs. Será que, naquilo que quero e desejo, há espaço para a coletividade? Há espaço para a criação – casa comum?

A espiritualidade pode, em tempos de pandemia, nos levar a um caminho de conversão, de saída do nosso “próprio amor, querer e interesse”. Porém, se observarmos, nem sempre a vida é tão simples, pois, dentro do nosso projeto pessoal, há também um projeto de fora que se hospeda nele. Tantas pessoas abriram os olhos para ver como suas vidas estavam desfocadas. Algumas fizeram planos, idealizaram mudanças de um possível outro mundo, isto é, um “novo normal”. No entanto, bastaram poucos dias de reabertura e vimos o “novo normal” apenas pelo uso da máscara.

CONTEMPLAR A REALIDADE

É importante fazer a nossa composição de lugar, que é a realidade do mundo ferido pela pandemia e, ao mesmo tempo, ferido por outras “pandemias” estruturais, como nos lembrou Papa Francisco em sua homilia na Casa Santa Marta, dizendo que, nos primeiros quatro meses do ano, morreram 3,5 milhões de pessoas de fome. Ele ainda afirmou que há outras pandemias: a da falta de escolas para crianças e a da

guerra. No Brasil, passamos das 87 mil mortes oficiais pelo novo coronavírus. A maior tragédia é que banalizamos a vida e nos acostumamos com as mortes.

Nesta contemplação, devemos pedir a graça de não sermos surdos ao chamado de Nosso Senhor, “mas sermos prontos e diligentes para cumprir a Sua santíssima vontade[...].” (EE 91). Assim, poderemos, jesuítas e colaboradores, inserir-nos na realidade, sentir, envolver-nos, escutar os gritos dos esquecidos e dos últimos, invisíveis nos dias de hoje. A pandemia apenas tirou a poeira das injustiças, daquelas a que já nos acostumamos. Por isso, a presença dos jesuítas deve ser ir, cada vez mais, para as fronteiras que pedem mais envolvimento com a vida. Para isso, é preciso eliminar as distâncias sociais; continuar investindo e acreditando que a “revolução da ternura”, tão querida pelo Papa Francisco, deve acontecer se tirarmos também a poeira dos nossos sentidos. Será preciso convertê-los ao cristianismo que brota dos Evangelhos.

Quanto aos colaboradores, poderão, de fato, “colaborar” se conseguirem, com base na riqueza espiritual inaciana, continuar desejando fazer “tudo para a maior glória de Deus” – “que o homem viva” (Santo Irineu). Nunca necessitamos tanto de mais compromisso com a vida dos mais fracos e necessitados. Juntos, jesuítas e colaboradores, responderemos às perguntas mais reveladoras das nossas vidas: estive doente, nu, com fome, sede, e vocês o que fizeram?

Viver em tempos de pandemia exige de nós a lucidez que nos coloca diretamente na vida dos sofredores. É necessário considerar, meditar e contemplar toda a realidade com o olhar do ressuscitado, sempre levando a esperança e a certeza de que, mesmo depois das trevas desta noite escura que estamos vivendo, há uma luz que brilha para nós. Deus sempre está gestando vida, mesmo que os nossos sentidos não a alcancem, pois seria contraditório o Deus da vida se alegrar com a morte. Ele sempre nos enche de vida, ela está aí, às vezes, sofrida, mas viva, e é lá que deveremos estar.

ESPERANÇA DE UMA NOVA REALIDADE

Jesuítas e colaboradores, com base nos Exercícios Espirituais, no olhar comprometido com a realidade, fugindo de um olhar artificial, devemos nunca perder a esperança, muito menos sermos “arautos das tragédias”. Pelo contrário, devemos continuar sendo anunciadores de um Deus que nos ama e trabalha sempre, cuidando, resgatando o ser de cada criatura, mesmo em meio a pandemias. As trevas desta noite escura não podem nos arrancar a autocrítica e a criatividade. Contemplar a realidade e a própria vida com o olhar de Cristo Ressuscitado nos tira do medo e do desânimo, pois Ele é o grande vencedor da maior pandemia de todos os tempos, a do fechamento do coração e da perda da esperança no projeto de Deus.

Nós, como Companhia de Jesus, somos e nascemos da esperança acalentada por Inácio de que a sua vida e a sua história não poderiam terminar em uma batalha, ferido por uma bala de canhão. Desse modo, esta pandemia poderá não mudar a humanidade, mas os Exercícios Espirituais e o Exame de Consciência podem nos converter em autênticos homens e mulheres comprometidos com a vida que a todo instante é ameaçada. O caminho é continuar “contemplativos na ação”, antes que a pandemia da secularização ou a “mundanidade espiritual” (Papa Francisco) tomem conta do nosso coração, quando aí perderemos a capacidade de compaixão. ■



Paróquias reafirmam os valores da **solidariedade** e da **fraternidade**



Pe. José dos Passos da Silva, SJ

Secretário da Rede Diakonia: Paróquias, Igrejas e Santuários da Província do Brasil e pároco da Paróquia São Francisco Xavier, Belo Horizonte (MG)

As paróquias, para a Companhia de Jesus, são uma oportunidade para a concretização da preferência apostólica de serviço aos vulneráveis. Nelas, podemos concretizar as palavras de Santo Inácio aos estudantes

de Coimbra, em 1547: “A amizade dos pobres nos torna amigos do Rei Eterno”. A pandemia aumentou o sofrimento dos empobrecidos e de nossas paróquias. Mesmo as que estão em áreas de população mais rica podem ser canais de solidariedade e fraternidade em vista de amenizar as dores dos mais vulneráveis. Como estamos fazendo isso? Ao termos as portas de nossos templos fechados, como estamos nos reinventando? No espírito de Santo Inácio, de buscar a maior glória de Deus e de ver Deus em todas as coisas, este tempo de deserto é oportuno para o encontro com o Senhor na vivência do Evangelho e no anúncio de seu Reino nas diversas formas de apoio aos sofredores. Tempo oportuno, tempo de revelação, assumindo os desafios na criatividade do Espírito Santo, podemos experimentar ‘os santíssimos efeitos da ressurreição do Cristo’ no nosso dia a dia.

A *Evangelium Gaudium* exortação apostólica do Papa Francisco que nos aponta para uma “Igreja em saída”, no número 28, apresenta a paróquia como uma estrutura de grande plasticidade que “pode assumir diferentes formas”. Ela pode se adaptar conforme as circunstâncias de cada tempo e conforme os lugares em que ela se encontra dependendo “da docilidade e criatividade missionária do Pastor e da comunidade”. No entanto, duvido que, nessa plasticidade, alguém, em sua consciência, pudesse prever as adaptações exigidas pela pandemia. Tudo é absolutamente novo. Informações se alternam a ponto de pensar que sabemos muito pouco ou quase nada sobre a covid-19.

Por isso, a resposta mais prudente e sensata da Igreja tem sido a afirmação daquilo em que ela sempre acreditou: os valores do Evangelho. Em nossas paróquias, essa resposta se dá, desde o primeiro momento, com uma preocupação prioritária no auxílio assis-

tencial aos pobres e, num segundo momento, como continuar comunicando a boa nova do Evangelho. Pe. José Laércio, da Paróquia Cristo Rei de Fortaleza (CE), nos diz assim: “Vivendo em uma situação de crise, a Paróquia sentiu necessidade de se reinventar. Assim, como a caridade sempre foi um caminho seguro de encontro com o Senhor, nos dias de hoje, nos transforma em Igreja em saída, Comunidade de misericórdia - Casa do Pão”.

Retomando o número 28, a *Evangelium Gaudium* nos aponta que a paróquia “é a própria Igreja no meio de seus filhos e filhas”. Essa é a razão pela qual a primeira preocupação de nossas comunidades frente à pandemia é o socorro aos pobres. A paróquia está, realmente, em contato com as famílias e com a vida do povo, e não é uma estrutura complicada, separada das pessoas e, muito menos, um grupo de eleitos voltados unicamente sobre si mesmos. A paróquia é presença eclesial no terri-

tório, âmbito para a escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração.

A proximidade com as pessoas em seus sofrimentos é sempre uma convocação e um desafio. Quando nos encontramos em situação de isolamento e distanciamento social, o desafio duplica. De imediato, exige-nos uma nova compreensão do conceito de proximidade. Isolamento e distanciamento social não podem ser sinônimos de isolamento afetivo, pelo contrário, a percepção da dor do outro e a busca de manifestar-lhe compaixão e empatia se faz, exatamente, pela abertura do coração. Portas fechadas, coração aberto aos necessitados.

REDES DE SOLIDARIEDADE E FRATERNIDADE

Em Belo Horizonte (MG), passados mais de 100 dias do ‘fechamento’ de



Campanha *Ser Solidário na Quarentena*.

nossas igrejas, a Arquidiocese apresentou um documento intitulado *Ação missionária para um novo tempo*. De imediato, pensamos tratar-se de um documento para a reabertura das nossas igrejas. Na verdade, trata-se de uma nova percepção da realidade e a proposta de uma reeducação em vista de continuar anunciando o Evangelho nas possibilidades do tempo presente. Ninguém arrisca um ‘quando’ para o fim da pandemia e ninguém aposta num retorno à situação anterior a ela. Logo, trata-se de viver a vida com os desafios da prática do amor.

A ansiedade pela ‘normalidade’ é o reflexo do medo que a pandemia nos trouxe. “Não aguento mais dizer que já não aguento mais”, dizia uma radialista, e é assim que a maioria das pessoas experimentam o distanciamento. Uma grande parte de nossos paroquianos é composta por pessoas do grupo de risco. A vida de comunidade é vida de proximidade, de contato físico, de mão na mão, de rezar o Pai Nosso lado a lado... De repente, somos alertados de que essa prática pode ser vista como desrespeitosa e maligna para o outro, um risco de vida. Viver o amor ao próximo tornou-se evitar contato físico. Quando vai passar? Ao lado disso, as dificuldades pela manutenção da vida, pela sobrevivência, especialmente, dos mais carentes.

A mobilização em torno de dar de comer a quem tem fome é, especialmente, sensível ao povo em geral e de nossas comunidades, em particular. A alimentação é a mais essencial e a mais imediata de nossas necessidades físicas. A assistência social cresceu de modo perceptível. Campanhas de arrecadação de alimentos e de material de higiene, ações de solidariedade com pessoas em situação de rua, mutirão para produção de marmix etc. Pe. Pedro Canísio, da

Paróquia Nossa Senhora do Rosário, de Cuiabá (MT), nos relata “a gente vive a sensação, em certos momentos, de que este era o modo de partilha dos cristãos nas comunidades primitivas”.

A assistência aos pobres também mobilizou outras forças da sociedade e parcerias se desenvolveram. A Paróquia Santíssima Trindade, de Santa Luzia (MG), promoveu a campanha *Ser Solidário na Quarentena*, em conjunto com outras paróquias, com lideranças políticas e com a Polícia Militar em vista de arrecadar alimentos e material de higiene. Essa parceria cresceu e envolveu o Núcleo Apostólico dos Jesuítas com suas diversas comunidades. A Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) tornou-se um lugar de recepção de doativos, que também são repartidos na Paróquia São Francisco Xavier, de Belo Horizonte (MG). Em Fortaleza (CE), a Paróquia Cristo Rei desenvolveu ampla campanha com posterior auxílio de diversas instituições, conforme conta o Pe. José Laércio: “Os beneficiários das doações foram povos indígenas, imigrantes venezuelanos, Morro de Santa Teresinha, Oitão Preto, Rosalina e paroquianos necessitados. Atendemos também às necessidades de algumas famílias dos bairros de Fortaleza, como Centro, Praia do Futuro, Bom Jardim, Siqueira, Vicente Pinzon, Pirambu, Praia de Iracema, Mondubim, Cajazeiras, Jangurussu e Parangaba, alcançando, também, os municípios vizinhos de Maracanaú e Aquiraz Conseguimos, pela Graça de Deus, enviar uma ajuda financeira para a Paróquia São Vicente de Paulo, que é jesuíta, na periferia do Recife (PE)”. Como se vê, uma solidariedade para além do meramente paroquial.

A VALORIZAÇÃO DO ON-LINE

Portas fechadas, janelas virtuais abertas. As nossas paróquias descobriram a importância e o valor da Pastoral da Comunicação. Conforme a organização dessa pastoral e das condições oferecidas pela internet, nossas paróquias

buscaram modos de se conectar com seu público.

O virtual tem seus limites e somos propensos à desconfiança com relação ao uso dos meios de comunicação. No entanto, é um meio. E Santo Inácio nos ensina o “tanto quanto”. Usamos deles tanto quanto nos ajudam ao fim que perseguimos. A necessidade é a mãe da criatividade e as respostas são, mais ou menos, expressivas conforme a experiência e organização da pastoral da comunicação em cada lugar. Há de se ter em conta que, grosso modo, as atividades pastorais em uma paróquia se desenvolvem na base do voluntariado. Os jovens dispõem de maior gosto e jeito para esse trabalho. E, na maior parte, os aparatos técnicos são simples, na base do gratuito e do automático. É uma área que nos demanda atenção e profissionalismo.

As muitas ofertas de missas *on-line*, pelo rádio e pela TV não são impedimentos à busca de um modo mais adaptável à nossa caminhada pastoral e com uma apresentação mais de acordo com a nossa identidade. Quando iniciei as transmissões das missas pelas redes sociais, uma paroquiana nos agradeceu: “Obrigada, padre, por nos proporcionar uma missa segundo nossos costumes”. Por “nossos costumes”, havemos de entender que, para essa paroquiana, há um modo próprio às nossas comunidades e que ela não via nas celebrações de outros meios. Em geral, a nossa iniciação no *on-line* se dá pelas missas, mas logo percebemos outras possibilidades que, nesses meios de comunicação, são mais eficazes: multiplicam-se as lives numa diversidade impressionante, catequese por Whatsapp, reuniões virtuais etc. As ofertas são infinitas e a grande novidade está em poder acessar conteúdos que, antes, exigiam investimentos de tempo e de dinheiro. No entanto, mesmo sendo conteúdos riquíssimos, nossa experiência de vida comunitária se embasa no contato presencial direto. Por isso, trazemos sempre um certo desejo de que tudo isso seja transitório, podendo ser uma oferta a mais no futuro, e não a única possibilidade como está sendo agora. ■

Somos chamados a **ser e oferecer luz** aos **jovens**

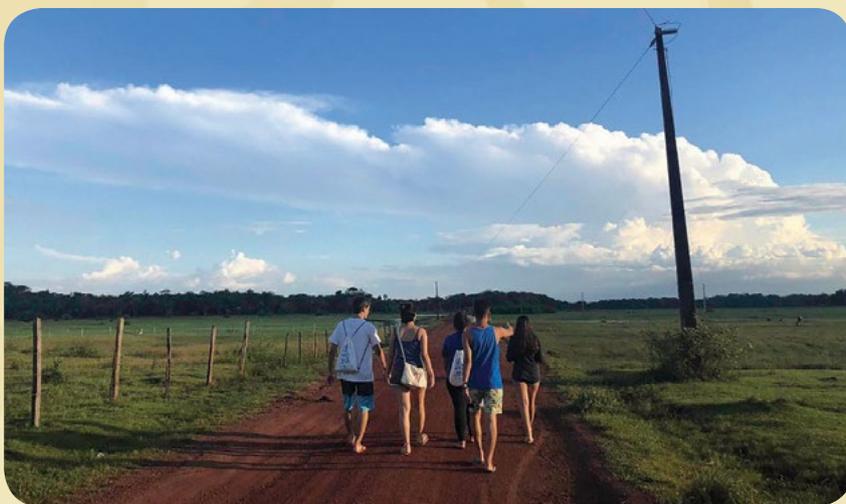


Pe. Odair José Durau, SJ

Coordenador do Eixo dos Exercícios Espirituais do Programa MAGIS Brasil

O novo coronavírus apareceu sorrateiramente e se alastrou pelo mundo, colocando em perigo a segurança da humanidade. Esta pandemia despertou inúmeras reflexões: existenciais, econômicas, sociais, políticas, religiosas e tantas outras. Todo este fenômeno que estamos vivenciando vai apresentando uma tensão entre o que é essencial e o que é supérfluo, sobretudo, aos jovens. Uma das Preferências Apostólicas Universais afirma que “a juventude é a etapa da vida humana na qual cada pessoa toma decisões fundamentais para se inserir na sociedade. É a etapa em que busca

sentido para sua existência e para a realização de seus sonhos”.



Diante deste contexto de instabilidades, a espiritualidade inaciana “oferece luz e calor”¹ para que os jovens atravessem, com confiança e fé, tamanha tempestade denominada covid-19. Inspirado em Santo Inácio de Loyola, apresentarei três aspectos de sua vida que fundamentam o trabalho com a juventude neste tempo de pandemia:

- 1) *auscultar o coração;*
- 2) *saber discernir e*
- 3) *confiar no acompanhamento.*

Inácio de Loyola, depois do ferimento da bala de canhão na Batalha de Pamplona, permaneceu por um longo tempo convalescente dentro de um quarto. Talvez, numa longa ‘quarentena’. Durante sua recuperação, Inácio travou uma batalha interna consigo mesmo. Conforme Tellechea Idígoras, “o homem tem, em seu coração, recantos que ainda não existem, onde penetra a dor para que existam [...] descobre rincões do coração nunca explorados, nem assumidos”². No tempo do “isolamento social” vivenciado

pelo Peregrino de Loyola, percebemos que ele foi tomando consciência dos seus pensamentos, de seus sentimentos, dos apelos que o conduziam a uma vida nova, a outro jeito de ser.

Concomitantemente, muitos jovens, no momento atual, vão ‘ressignificando’ seus projetos de vida. Desse modo, inspirados na vida de Inácio, é importante estarmos atentos para ajudar os jovens a reconhecer e acolher a sua história pessoal, sobretudo, diante dos pensamentos e sentimentos oriundos da pandemia. É conveniente olhar essa situação, que também revela a fragilidade humana, como uma possibilidade de uma vida nova, de um novo jeito de ser e de portar-se no mundo. Para tanto, nada melhor do que se conhecer mais profundamente, isto é, perguntar-se e dar-se conta de quem eu sou. Em seguida, é fundamental ajudar os jovens a olhar para a realidade com os olhos da Trindade e perceber como Deus se faz presente na maravilha da criação e das possibilidades que estão nascendo. Por fim, é essencial ajudar os



“A opção por estar ao lado dos jovens é sinal de que nós acreditamos que eles podem nos ensinar a compreender esta mudança de época e, também, que nós podemos ajudá-los a confiar e acreditar no seu próprio potencial para construir um mundo melhor,

jovens a “escolher aquilo que mais os conduz para o fim para o qual foram criados” (EE 23), ou seja, buscar viver a vida com amor. Sem dúvida, a pandemia desencadeou processos que convidam os jovens a redefinir significados, em outras palavras, é tempo de dar sentido à vida e ao modo de portar-se no mundo. E, para isso ser eficaz, torna-se fundamental auscultar o coração.

No ambiente de silêncio, de dor, de boas leituras, Inácio de Loyola foi se dando conta da diferença dos movimentos interiores, “até que uma vez se lhe abriram um pouco os olhos e começou a maravilhar-se desta diversidade e refletir sobre ela”³. Durante o tempo de pandemia, nós vamos percebendo inúmeras movimentações no interior da juventude, especialmente, dos jovens que estão ligados ao Programa MAGIS Brasil. Essa é a primeira constatação que fazemos e procuramos auxiliá-los a conhecer a diversidade das moções interiores, para seguir aquelas que geram mais vida. Com base nessa alternância de moções, o jovem tem a grande oportunidade de iniciar um processo de discernimento.

O discernimento é um elemento essencial na espiritualidade inaciana. A pandemia pode ser uma ocasião para criar o hábito de examinar-se constantemente, sobretudo, de desenvolver a sensibilidade de “encontrar a Deus em todas as coisas e todas n’Ele”⁴. Conforme Divarkar, “encontrar a Deus em todas as coisas significa que a união ou a relação com Deus, desde o momento

que tem suas raízes no centro mesmo do próprio ser, não só resulta em atividade, mas de tal maneira penetra e transforma toda a atividade e a totalidade da pessoa”⁵ e, desse modo, “qualquer experiência se converte em experiência de Deus e toda ação não só nasce do contato com Deus, mas também é, em si mesma, um aprofundamento desse contato, que é a contemplação”⁶. Ser contemplativo na ação é ter a percepção da presença e da atuação de Deus no mundo, da qual nasce o desejo de ajudá-lo. De fato, “os jovens são portadores desta nova forma de vida humana que pode alcançar, na experiência do encontro com o Senhor Jesus, uma luz que ilumine o caminho rumo à justiça, à reconciliação e à paz”⁷.

Toda a profundidade, a solidez e a maturidade que são frutos da espiritualidade inaciana se dão por meio da relação “direta do Criador com a criatura” (EE 15), a qual é acompanhada por uma pessoa que testemunha essa amizade. A pandemia nos apresentou algo bastante novo e desafiante: o isolamento social. Tal fator pode ser um empecilho para a relação humana e presencial. Diante desta situação, fomos desafiados a despertar a criatividade,

sobretudo, no que se refere a oferecer o acompanhamento espiritual de jovens remotamente. O serviço de acompanhamento espiritual dos

jovens é uma colaboração fundamental para criar um mundo mais humano.

A pandemia ratificou a nossa convicção da importância do acompanhamento de jovens, seja presencial, seja remotamente. A opção por estar ao lado dos jovens é sinal de que nós acreditamos que eles podem nos ensinar a compreender esta mudança de época e, também, que nós podemos ajudá-los a confiar e acreditar no seu próprio potencial para construir um mundo melhor, mais humano e mais justo. Não obstante o avanço tecnológico e as facilidades das relações virtuais, nós reiteramos a notoriedade da convivência humana, presencial e comunitária, pois, como brasileiros, somos um povo caloroso e afetuoso.

O legado da vida de Santo Inácio de Loyola, ou melhor, os Exercícios Espirituais e a espiritualidade que deles decorrem, é uma riqueza que podemos oferecer aos jovens hoje. Num contexto desafiante, instável e árduo, nós somos chamados a ser e oferecer luz aos jovens. Nesse sentido, o Programa MAGIS Brasil (Rede Inaciana de Juventude) tem procurado ser ponte para facilitar o encontro dos jovens com o Cristo, visando à construção de um projeto de vida cheio de esperança. ■

¹ 1 CG 35, D.2, n.1.

² IDÍGORAS, J. Ignacio Tellechea. Inácio de Loyola sozinho e a pé. São Paulo: Loyola, 1991. p. 78.

³ Autobiografia 8.

⁴ Constituições 288.

⁵ DIVARKAR, Parmananda. La senda del conocimiento interno: reflexiones sobre los ejercicios espirituales de San Ignacio de Loyola. Santander: Sal Terrae, 1984, p. 230.

⁶ Ibid., p. 230.

⁷ Preferências Apostólicas Universais da Companhia de Jesus 2019-2029.

O exercício do contexto na **educação: força para mover-se**



Ir. Raimundo Barros, SJ

Diretor-presidente da Rede Jesuíta de Educação Básica (RJE)



A experiência de travessia em mar revolto traz exigências que vão além da estabilidade para suportar o balanço das águas. É viver a incerteza com o olhar voltado para o horizonte que, a qualquer hora, se descortinará como uma nova realidade.

Santo Inácio tinha sempre na sua frente um horizonte, um caminho, um para onde ir. Quando esse horizonte ficou embaralhado, Inácio empreendeu um mergulho interior, mobilizou todas as suas faculdades humanas e espirituais e teve

coragem para fazer novas perguntas; de se questionar quanto ao vir a ser. Foi para o seu deserto, em Manresa (Espanha) e viveu um mundo novo; um homem novo foi se constituindo, novos caminhos foram se configurando e aquilo que poderia ser considerado por alguns como fuga, na verdade, era um grande movimento para viver a realidade com a intensidade necessária e para conferir sentido à sua própria vida.

Viver essa experiência, como nos mostra Santo Inácio, é parte da caminhada e deve ser experimentada com o coração voltado para o alto, pois, somente do alto, é possível contemplar a imensidão da vida, presente em todas as criaturas. É ir ao deserto para fazer a experiência do encontro.

A pandemia tem exigido muitos deslocamentos existenciais, intelectuais, conceituais, operacionais, afetivos etc. Tem sido uma experiência involuntária viver sem muitas das referências de antes, pautando a vida de uma forma sem precedentes para a maioria dos seres humanos que vivem nessa grande Casa Comum. De uma

hora para outra, ruíram dinâmicas que regulavam relações sociais, sumiram certezas, surgiram dúvidas e a pergunta sobre o vir a ser passou a fazer parte do cotidiano das pessoas não como manifesto de desejo, mas como imperativo sobre a própria vida. O desafio de seguir caminhando passou a ser intercalado com a necessidade de parar.

Hora de construir novos horizontes, fazer novas perguntas e de viver experiências que ajudem na busca para onde ir. Nesse sentido, a experiência de Santo Inácio ajuda a compreender esse momento como possibilidade de uma nova realidade que poderá ser construída e renova o cha-

mado, permanente, para o pôr-se em movimento.

Mas não pode ser um movimento aleatório ou desordenado, e, aqui, vamos encontrar um ponto muito importante: fugir do efêmero que mostra a vida como lampejos de subjetividades e de desejos individualizados. Santo Inácio nos ensina que a caminhada adquire sentido na proporção em que os deslocamentos do individual chegam ao coletivo; onde o reconhecimento de si se dá no encontro com o outro, formando uma comunidade de encontros.

E esse encontro não deve acontecer sem a referência do chão onde a vida acontece. Esse chão é o que, na pedagogia

inaciana, chamamos de contexto e que vem carregado de sentidos adquiridos na caminhada de cada sujeito. O contexto coloca a todos no lugar onde as narrativas se encontram e compartilham experiências e atua como catalisador para novas construções sobre o caminhar.

Ter a perspectiva do contexto como parte constitutiva dos movimentos que impulsionam os sentidos para a experiência é trazer para o centro a vida dos sujeitos e de seus vínculos sociais, afetivos, históricos etc. É considerar a bagagem de cada um como força motriz para o caminhar junto e como janela para ampliar a visão de mundo, no sentido mais alto que isso pode significar.

O contexto nos liga com o ontem, todavia esse vínculo não é como experiência de nostalgia ou de memória esquecida. É a celebração da experiência vivida e o registro da memória afetiva que vincula os indivíduos com a sua própria história. E como isso pode nos ajudar nesse momento que estamos vivendo?

As respostas são amplas e variadas, mas é certo que todas deverão comportar a capacidade de conexão que o contexto permite. Ele liga os sujeitos e desencadeia movimentos de aproximação que só acontecem no reconhecimento da experiência trazida pelo outro e, mais ainda, permitem a construção de novas experiências.

Na pandemia, as incertezas trouxeram sensações e experiências das mais variadas formas, chegando a causar impressões de que o contexto já não fazia sentido. Ficou parecendo que era preciso ficar desprovido do contexto para poder suportar todas as pressões e, principalmente, encontrar fôlego suficiente no enfrentamento das intempéries.

Em certos momentos, era como se o presente fosse tão imprevisível que olhar para o passado fosse um exercício saudosista de quem não conseguia encontrar coragem para dialogar com o que estava acontecendo. Era como se, de lá, não fosse possível encontrar elementos que ajudassem a entender o presente; muitos remaram como se

isso fosse certeza absoluta, perdendo vinculações importantes, tanto sociais como emocionais.

O olhar para o passado, como apresenta Santo Inácio, é parte da caminhada para ordenar a vida; para compreender os movimentos internos na busca pelo equilíbrio. Isso é muito importante no atual momento que vivemos, pois somos parte de tudo que acontece e também temos responsabilidade sobre os desdobramentos decorrentes da forma como enfrentamos os desafios da pandemia.



O pós-pandemia será o que construímos como perspectiva de futuro e, como educação básica, estamos empenhados na vivência dessa experiência, tirando proveito para poder alicerçar o que virá pela frente.

Sem a experiência da noite escura, não é possível sentir a intensidade do amanhecer, e isso não é só um exercício retórico. Não dá para falar de pós-pandemia, o que faremos no futuro etc., sem viver a intensidade da pandemia, hoje.

É preciso ter clareza que tudo está conectado e que o hoje traz consigo o vivido ontem e semeia o que viveremos amanhã, com vinculações diretas, explícitas, como também sutis e até imperceptíveis em algumas situações. O grande desafio é encontrar a

harmonização entre tudo isso e buscar o equilíbrio.

O pós-pandemia será o que construímos como perspectiva de futuro e, como educação básica, estamos empenhados na vivência dessa experiência, tirando proveito para poder alicerçar o que virá pela frente. Não temos certezas, e talvez nem precisamos de muitas delas, mas temos a convicção de que a experiência que está sendo vivida tem gerado muitos aprendizados; um deles é o de trabalhar em tempos de incertezas.

Santo Inácio aponta para viver a experiência do sentir e do saborear para poder tirar proveito. Talvez seja essa a grande estratégia que temos como aprendizado neste momento. De uma hora para outra, todos os envolvidos no apostolado da educação básica tiveram que sair de um lugar habitual e passaram a habitar em tantos outros lugares, reais ou virtuais. Foi

preciso atribuir sentido para novas possibilidades de interação para poder dar conta das demandas geradas por alunos, educadores e famílias.

O que se viu foi uma explosão de criatividade; a construção de novas experiências, não sem medo e sem incerteza, mas carregadas de sentido e cheia do espírito de fazer novas perguntas. Ora, se a experiência inicial causou desarranjos e fomos capazes de criar novas possibilidades, podemos dizer que a experiência vivida foi possível porque, como Santo Inácio, nos dispomos a fazer o caminho.

Assim, olhar, sentir e viver a realidade é um exercício necessário para poder alimentar a esperança e juntar forças para gerar novos movimentos. Como disse acima, é preciso fazer novas perguntas para poder estabelecer novos horizontes de respostas, ou seja, sair em busca de novos caminhos. ■



Pe. Roberto Jaramillo, SJ

Presidente CPAL

SOBRE COLABORAÇÃO ENTRE HIERARQUIAS E RED-ARQUIAS*

Em meio à pandemia, toma mais sentido a necessidade de sermos colaboradores. A urgência talvez nos ajude a desvendar as dificuldades conceituais que temos para definir o que deveria ser a colaboração na Companhia de Jesus. Nessa matéria, estou convencido de que temos avançado com muitas dificuldades e sei que, geralmente, são os colaboradores leigos e leigas, mais do que os jesuítas, aqueles que têm recebido os golpes mais fortes. Há pessoas que saíram feridas e sabemos que a recuperação leva tempo e que pode ou não ocorrer.

Há muito terreno para explorar (entre tentativas, erros e acertos) e muitos desafios institucionais que é preciso enfrentar com lucidez e generosidade. Um deles tem a ver com a maneira como a Companhia de Jesus se estrutura, com a concepção e o exercício da autoridade nela e com os alcances práticos em termos de responsabilidades de seus múltiplos e diversos colaboradores e colaboradoras.

A distinção entre colaboradores jesuítas e outros colaboradores (leigos, leigas e outros) não é apenas necessária, mas também conveniente para uns e outros. Ser membro da Companhia de Jesus e viver as exigências pelas quais se optou para ser parte dela não é o mesmo que ser colaborador não-jesuíta e optar pelo projeto apostólico que nela é construído entre todos.

A Companhia de Jesus é, por constituição, hierárquica. Sua cabeça é

Cristo Jesus, de quem somos companheiros, e seu vigário, o Papa. O máximo corpo de autoridade na Companhia (a serviço de Cristo e de seu vigário) é ela reunida em Congregação: os poucos professos que permaneceram em Roma (Itália) na época de Inácio, e hoje: os delegados das províncias para uma Congregação Geral (CG). A CG exerce esse poder legislando e dando orientações; e, depois de se reunir, delega o seu poder ao Pe. Geral, com vista à missão, e este, por sua vez, delega-o, proporcionalmente, àqueles que nomeia superiores maiores (provinciais, superiores regionais e presidentes de conferências), que, por sua vez, nomeiam superiores locais.

A organização hierárquica não significa que o poder seja o de mandar arbitrariamente, mas que quem exerce o poder não deve exercê-lo senão por delegação e em função da missão (de Deus) que se recebe de Cristo por meio do Romano Pontífice. Para discernir essa missão, reúne-se a CG; para discerni-la, nomeia-se um Superior Geral; para discerni-la, ele nomeia superiores maiores; para discerni-la, são nomeados superiores locais; para discerni-la, esses superiores procuram e nomeiam colaboradores os mais variados: alguns jesuítas, outros não, alguns diretores, outros não, etc.

Esse modo e exercício da autoridade (que não deve ser outro senão o exercício do discernimento) tem garantido que a Companhia de Jesus possa ser isso: “de Jesus”; e tem lhe permitido

sobreviver durante 450 anos de história, pois o Espírito permanece, apesar de nossa mesquinhez e de nossos defeitos. Portanto, pedir à Companhia de Jesus que deixe de ser hierárquica é desnaturalizá-la.

Do Corpo Apostólico da Companhia, participamos todos os colaboradores e colaboradoras que acolhemos a sua missão como própria. Isso não significa que a Companhia de Jesus tenha que deixar de ser hierárquica; e faria mal, quem quer que esteja no comando, omitir-se e dissolver a autoridade que lhe é confiada num assembleísmo, grande ou pequeno!

É verdade que a Companhia de Jesus, na regência de suas obras, deve integrar da melhor maneira possível, em sua responsabilidade de discernimento, a presença e a palavra da multiplicidade de colaboradores não jesuítas. Há de fazê-lo não porque necessita deles como se faltasse pessoal, mas em virtude de suas capacidades e de seu estatuto próprio de colaboradores não jesuítas (sejam leigos, sejam religiosos, sejam padres, sejam homens ou sejam mulheres, etc., sejam até mesmo não crentes) da *missio Dei*, a missão de todos. Para promover isso, não é necessário pedir à Companhia de Jesus que deixe de ser o que é e que abandone o seu modo hierárquico de exercer o discernimento e a autoridade.

Nisso consiste o desafio da colaboração não apenas nos níveis da execução, mas também nos níveis de decisão. ■

* Red-arquia é um neologismo que, por analogia com ‘hierarquia’, pretende expressar a organização que surge não do mandato de um superior (que determina) e um súdito (que executa ou obedece), mas também do acerto entre pares que, tendo diferentes níveis de atuação, encaminham decisões que vinculam aos participantes na deliberação. É um conceito cada vez mais utilizado no acionar das redes (networks).

SEMINÁRIO INTERNO DO SJPAM

Aconteceu, nos dias 17 e 16 de junho, o segundo seminário interno do Serviço Jesuíta Panamazônico (SJPAM). O evento, organizado em duas seções, cada uma em um dia, foi coordenado pelo estudante jesuíta Edmo Flores. O foco da

primeira seção foram os conceitos de *desenvolvimento sustentável e sustentabilidade*. Na segunda, a atenção foi direcionada às várias experiências alternativas de desenvolvimento. Tudo isso por meio de diversos olhares: acadêmico (conceitual-sistêmico),

indígena (bem-viver), campesino (agroecologia) etc. Além dos membros do SJPAM que vivem em Leticia (Colômbia), participaram desse seminário a voluntária Sara Diego de Bilbao (Espanha) e o jesuíta Silvio Marques de Manaus (AM).

AJUDA HUMANITÁRIA CONTRA A COVID-19

O apoio a comunidades indígenas e ribeirinhas da tríplice fronteira (Colômbia, Peru e Brasil) oferecido pelo Serviço Jesuíta Panamazônico (SJPAM) continua com ajuda dos recursos recebidos da Secretaria Nacional de Pastoral Social (SNPS), da Comissão da Verdade, da Rede Eclesial Panamazônica (REPAM), da Província Jesuíta da Colômbia, do Banco de Alimentos da Colômbia e de outros doadores amigos.

O Banco de Alimentos da Colômbia doou 20 toneladas de alimentos, com os quais foi possível montar 2.000 cestas básicas. O SJPAM, em conjunto com a Pastoral Social do Vicariato de Leticia (Colômbia), organizou-se para distribuí-las, com segurança, às comunida-



des urbanas e rurais de Leticia e Puerto Nariño, e também contou com o apoio das lideranças das comunidades locais.

Em outra iniciativa, 650 kits foram adquiridos e distribuídos às oito comunidades da Paróquia de Nazaré, pertencentes ao Vicariato de Leticia. Esses kits eram constituídos de alimentos, medicamentos, tecidos para máscaras faciais, materiais de higiene, de biossegurança e de desinfecção. Todo o trabalho logístico dessa distribuição foi coordenado com a participação de catequistas, professoras e caciques das comunidades, considerando os riscos



de propagação do vírus representados pelo contato físico.

Devido à localização na fronteira, também foram realizadas algumas ações nos países vizinhos, como a compra de medicamentos, de material de biossegurança e de estabilizadores de energia para os concentradores de oxigênio que foram entregues aos povoados peruanos de Santa Rosa, Islândia e Cavallo Cocha. Por fim, diante da situação alarmante dos povos indígenas do Brasil, o SJPAM colaborou financeiramente com as associações brasileiras dos indígenas Kocama e Munduruku. ■

PUBLICAÇÕES SOBRE A COVID-19

De maneira transversal, a reflexão, a sensibilização e a incidência são aspectos presentes nos campos estratégicos que marcam a missão do Serviço Jesuíta Panamazônico (SJPAM). Pensando nisso, neste tempo de pandemia, o SJPAM tem colaborado com várias publicações no intuito de visibilizar realidades vulneráveis como as da Tríplice Fronteira Amazônica.

São exemplos: o 4º volume da revista digital Aurora, iniciativa da Conferência dos Provinciais da América Latina (CPAL), em que o coordenador do SJPAM, Pe. Alfredo Ferro, colaborou com um artigo intitulado *La realidad del pueblo Tikuna y de los pobladores de una frontera porosa en medio de la pandemia del COVID-19* (Convidamos a ler o texto completo, na página

41, pelo seguinte link:

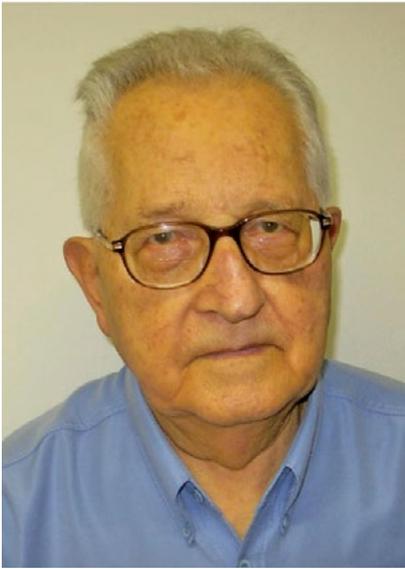
<https://bit.ly/2CzsUnZ>

e o artigo redigido por Sara Diego, voluntária do SJPAM, para a ONG ALBOAN, com o título *Escuchar la Amazonía en tiempos de COVID-19* (Convidamos, também, à leitura por meio do seguinte link:

<https://bit.ly/3ouc1mC>. ■

Fonte: Carta Mensal Pan-Amazônia (nº 72/Junho2020)

Acesse www.jesuitasbrasil.com/cartapanamazonia e leia a íntegra desta e de outras edições.



NA PAZ DO SENHOR

PE. BENNO LEOPOLDO PETRY, SJ

Por Pe. Carlos Henrique Müller, SJ

Padre Benno Leopoldo Petry, filho de Reynaldo Nicolau Petry e de Ana Rosa Kleinschmitt, nasceu no dia 15 de julho de 1929, em São José do Maratá, no município de Montenegro (RS).

Ingressou na Companhia de Jesus, em Pareci Novo (RS), em 28 de fevereiro de 1952. Após os votos do biênio, continuou em Pareci Novo, para fazer o juniorado no Colégio São José. Fez os estudos filosóficos em São Leopoldo (RS), no Colégio Cristo Rei (1956-1958). Superada essa etapa, fez três anos de magistério no Colégio Santo Inácio, em Salvador do Sul (RS), acompanhando estudantes e dando aulas de português e latim. Em 1962, no Colégio Cristo Rei, iniciou os estudos teológicos, concluídos em 1965. Foi ordenado presbítero no Santuário do Sagrado Coração de Jesus, também em São Leopoldo, por Dom Vicente Scherer, em 7 de dezembro de 1964. No segundo semestre de 1969, fez a Terceira Provação e, no dia 15 de agosto de 1970, os últimos votos, na Igreja São José, em Maringá (PR), onde trabalhava como pároco.

Nos primeiros anos de sacerdócio, de 1966 a 1969, trabalhou no Colégio Anchieta, em Porto Alegre (RS). Depois, em fevereiro de 1970, foi enviado a Maringá (PR), para ser o titular da Paróquia São José Operário. Em maio de 1973, foi enviado a Ubatã (PR), onde, inicialmente,

trabalhou como vigário paroquial e, depois, foi pároco. Em 1978, participou de um curso de atualização teológica, no Cristo Rei. Parte dessa atualização o levou a uma ótima experiência pastoral em Iconha (ES) e na Ilha do Marajó (PA). Conheceu as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e os cursilhos de cristandade. Trabalhou depois, na Paróquia São Pedro Canísio, em Itapiranga (SC). Em janeiro de 1980, foi enviado para a Paróquia San José Obrero, em Ciudad del Este, Paraguai. Lá, foi pároco até o final de 1984. Era uma paróquia muito pobre, mas ele conseguiu recursos da Adveniat para construir a igreja paroquial.

e o acompanhamento espiritual dos paroquianos. De 1998 a 2003, foi pároco em Mamborê (PR), na Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Em 2004, voltou à Paróquia Santo Antônio, em Ubatã (PR), e foi vigário paroquial. Em fevereiro de 2005, foi enviado à Santa Casa de Misericórdia, em Porto Alegre (RS), onde exerceu seu ministério como auxiliar do capelão no atendimento aos doentes que buscam esse grande complexo hospitalar.

Em 2015, foi para a Comunidade de Saúde e Bem-Estar São José, em São Leopoldo, onde faleceu no dia 22 de junho de 2020.



PADRE BENNO ERA MUITO ESTIMADO EM TODOS OS LUGARES ONDE TRABALHOU. EXERCEU O MINISTÉRIO SACERDOTAL COM GRANDE ZELO APOSTÓLICO”

Padre Inácio Spohr

Seu trabalho nessa paróquia se destaca pelos contatos que fez com visitas às famílias.

No período de 1985 a 1986, foi administrador do Seminário São José, em Itaúba (MT). Para a autossustentabilidade do seminário, estimulou a produção de cereais e a criação de gado e de abelhas. Ele mesmo se dedicava a esses serviços.

Já nos anos de 1987 a 1998, a nova missão de Pe. Petry foi em Nova Cantu (PR). Dinamizou o trabalho apostólico

Padre Inácio Spohr testemunha: “Padre Benno era muito estimado em todos os lugares onde trabalhou. Exerceu o ministério sacerdotal com grande zelo apostólico. Eu admirava muito seu jeito de tratar os doentes da Santa Casa. Seus sermões eram muito simples, práticos e evangélicos. Enquanto tratava da saúde, em São Leopoldo, ajudava nas confissões no Santuário. Queria ser útil. Gostava muito de cantar. Deu exemplo sofrendo com paciência e espírito de fé sua velhice e enfermidade.” ■



NA PAZ DO SENHOR

PE. EXPEDITO JOSÉ FRANCISCO TELES, SJ

Por Pe. Carlos Henrique Müller, SJ

Expedito José Francisco Teles, filho de José Francisco Teles e de Maria José do Nascimento Teles, nasceu em primeiro de março de 1926, na cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará.

No dia primeiro de fevereiro de 1944, ingressou no noviciado, em Baturité (CE), onde fez os primeiros votos em primeiro de fevereiro de 1946. Permaneceu por dois anos (1946 e 1947), em Baturité, estudando humanidades no Juniorado. Continuando sua formação, começou, em 1948, os estudos de filosofia em Nova Friburgo (RJ) e, durante os anos 1949 e 1950, concluiu os estudos filosóficos em São Leopoldo (RS). Durante esse período, estudou, paralelamente, humanidades clássicas na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e, depois, foi para Recife (PE), em 1951, para o magistério no Colégio Nóbrega. Entre 1951 e 1952, estudou história natural na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Em 1955, foi para Bogotá, na Colômbia, fazer os estudos teológicos na Universidad Javeriana, concluídos em 1957.

Monseñor Bernardo Arango Henao, SJ, presidiu a ordenação presbiteral de Pe. Expedito Teles, no dia 27 de outubro de 1957, em Bogotá, na Igreja San Ignacio, onde foi ordenado, também, São Pedro Claver.

Em 1959, em Três Poços (RJ), Pe. Expedito concluiu sua formação parti-

cipando da Terceira Provação. Em 15 de agosto de 1960, no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, junto ao Colégio Nóbrega, em Recife, ele se incorporou definitivamente à Companhia de Jesus, emitindo os últimos votos.

Pe. Expedito Teles exerceu o seu ministério durante longo tempo (1961-1985) na área da educação, começando pelo Colégio Nóbrega, onde foi vice-diretor. Também foi professor no curso pré-vestibular da Unicap. Foi enviado,

lecionou química e biologia até 1985. Ajudou na Paróquia de Marechal Rondon. Em 1986, foi enviado para Caucaia (CE), onde permaneceu até 2016. Trabalhou na Área Pastoral Santa Teresinha, administrou a Vila Jurema e foi vigário paroquial no Conjunto Marechal Rondon.

Padre José Pablo Hernandez dá seu testemunho: “Padre Expedito Teles tinha duas grandes devoções: Santa Teresinha e dom Luciano Mendes de Almeida. Sta. Teresinha representava, para ele, a entrega total a Jesus. Admirador profundo de dom Luciano, teve com ele um longo epistolário fundamentado e retomando a experiência espiritual que com ele teve no retiro de 30 dias nos idos de 1973, quando era instrutor da terceira provação. Dom Luciano foi instrumento de grande graça para que ele descobrisse, em sua experiência espiritual, o chamado fundante de sua vocação. A partir desse momento, Pe. Expedito foi capaz de reconhecer, na sua experiência vocacional, o chamado de Deus. Pe. Expedito foi um sertanejo que se reencontrou com suas raízes interioranas na experiência da periferia no trabalho simples com o povo do interior. Homem de traços bem marcados por seu interior, Juazeiro do Pe. Cicero, onde nasceu, se criou e, inclusive, foi batizado pelo Pe. Cicero. Tinha uma excelente formação humanística, professor de filosofia na universidade estadual do Ceará. Tinha realizado a teologia na universidade Javeriana de Bogotá, onde se encontrou com a nouvelle teologia que marcou profundamente seus estudos teológico.” ■

“**PADRE. EXPEDITO FOI UM SERTANEJO QUE SE REENCONTROU COM SUAS RAÍZES INTERIORANAS NA EXPERIÊNCIA DA PERIFERIA NO TRABALHO SIMPLES”**

Padre José Pablo Hernandez

então, para Fortaleza (CE). Viveu na Residência Cristo Rei, trabalhando no Conjunto Marechal Rondon de 1962 a 1968. Durante esse tempo, trabalhou na área universitária e foi co-fundador da Universidade do Ceará. Continuando em Fortaleza (1969-1973), trabalhou no Colégio Santo Inácio e na Escola de Aprendizes de Marinheiro. Depois, foi professor de filosofia na Faculdade Estadual de Filosofia. No Liceu Esta-

*“Porque enquanto convalescia,
Das leituras que fazia,
Novo homem ia brotando.*

*E os outros vão notando
Os apelos e clamores
De mudanças interiores.”*

INÁCIO DE LOYOLA, O PEREGRINO



JESUÍTAS BRASIL